

Tradições Paraibanas Representadas na Literatura de Cordel: Comunicação, História e Memória¹⁹

João Carlos Gomes TRAJANO²⁰

Orlando Ângelo Da SILVA²¹

Antônio Roberto Faustino da COSTA²²

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar o conteúdo de folhetos de cordéis cujas temáticas abordem aspectos históricos e culturais da

¹⁹ Trabalho apresentado no GT 02 Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²⁰ Graduando em Jornalismo – Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista substituto PIBIC/CNPQ 2022-2023. Email: joao.trajano@aluno.uepb.edu.br

²¹ Graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Mestre em Ciências da Sociedade - UEPB. Orientador do projeto de pesquisa. Email: orlandoangelo@servidor.uepb.edu.br

²² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Doutor em Educação - Universidade Federal da Paraíba. Colaborador do projeto de pesquisa. Email: robertofaustino@servidor.uepb.edu.br

cidade de Campina Grande, do agreste e do sertão paraibano, com o intuito de relacionar a arte cordelista com a preservação da cultura nordestina, a partir das narrativas orais presentes nos folhetos. Em resposta à problemática, foram catalogados cordéis disponíveis na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba (cujo acervo de cordel é considerado um dos maiores do mundo), com o propósito de entender como os autores retratam a cultura da Paraíba através dos versos dos folhetos.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Paraíba; História; Preservação.

Uma breve introdução

O presente artigo baseia-se na pesquisa “Campina Grande Representada na Literatura De Cordel: Comunicação, História e Memória”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC – 2022/2023), da Universidade Estadual da Paraíba.

A proposta inicial da pesquisa baseava-se em catalogar e analisar o conteúdo de folhetos de cordel, cuja temática trabalhe a preservação da memória e da história de Campina Grande, através da cultura escrita e das narrativas orais, a partir de cordéis disponíveis na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. Todavia, devido a problemas técnicos e estruturais, a biblioteca está apenas com o acervo virtual em funcionamento, que, até então é limitado, pois nem todas as obras foram transferidas para o meio eletrônico.

Portanto, este artigo toma como base a proposta inicial do projeto e amplia o campo de pesquisa para toda a região Agreste, a qual Campina Grande está situada, e o Sertão paraibano, que abrange boa parte dos temas dos folhetos que estão acessíveis até o momento.

A literatura de cordel

Pendurados em barbantes, os folhetos de cordel narram acontecimentos do cotidiano, envolvendo contextos políticos, históricos e sociais; criam cenários cômicos, fictícios e que divertem o leitor; falam de amor, traição, ganância e trazem a moral da história na última página. A poesia popular escrita nos cordéis começa a partir do século XIX, começando pelo Nordeste brasileiro, com berço na Paraíba através do poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919), que registrou o primeiro folheto em 1893. A partir daí, a poesia se espalha entre o povo e avança para as demais regiões do país (TEIXEIRA, 2008).

A Literatura de Cordel, também conhecida no Brasil como folheto, é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originada em relatos orais e, depois, impresso em folhetos. O folheto é o principal suporte de circulação, sempre com número de páginas múltiplos de quatro e em pequeno formato (CADÓ, 2021)

As impressões em papel colorido e os desenhos eruditos em xilogravuras, também são aspectos característicos da literatura de cordel. Seja a linguagem verbal ou não verbal, cada parte do folheto é singular e traz um sentido para o contexto no qual foi escrito. É uma arte popular que envolve conhecimentos empíricos e do senso comum que precisa ser preservada para valorizar os poetas e resguardar a memória regional.

A Literatura de Cordel parte do imaginário popular, e cumpre funções sociais, como o acesso a informação, a diversão e desperta senso crítico daqueles que leem sobre o cotidiano vivido pelos seus autores, que passaram por realidades e contextos políticos/sociais que talvez não conheçamos. É um meio de resguardar a tradição através da escrita ritmada no papel.

[...] em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos “primitivas”, danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc. (SANTAELLA, 2003).

Para Oliveira (2020), o cordel também é um ótimo recurso para se estudar a construção da identidade cultural e histórica do Nordeste, através da perspectiva dos poetas que se utilizaram dessa arte para promover a cultura, os desafios e as características da região.

Segundo Cadó (2021), o gênero poético e a linguagem regional da Literatura de Cordel, permitem que folheteiros, poetas, editores, declamadores e ilustradores (xilogravadores, desenhistas, artistas plásticos), utilizem a arte como meio de expressão, profissão e de sustento. “Através desses folhetos, o homem sertanejo pode sair de sua rotina real e viver emoções que somente os contos podem proporcionar” (CADÓ, 2021).

A simpatia pelo gênero do Cordel é herdada do homem do campo, do sertanejo antigo, que enxergava nesses folhetos o meio de expressar seus sentimentos, anseios e opiniões sociais, políticas etc. Tendo em vista que o ser humano precisa estar inteirado dos acontecimentos que impactam sua vida, foi através da Literatura de Cordel, que formadores de opinião influenciaram o público regional nas tomadas de decisões políticas e culturais (DIEGUES JÚNIOR, 1973).

Segundo Dourado, os temas que aparecem com maior frequência na classificação da literatura de cordel são: desafio, romance, encantamento,

gracejo e valentia. Na biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, estão disponíveis estes e inúmeros outros temas que fazem parte da cultura local.

Acervo da biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

No ano de 2003, o Governo do Estado da Paraíba adquiriu o acervo pessoal do pesquisador e professor Átila Almeida e doou à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A partir de 2004, a instituição ficou responsável pela guarda, manutenção e conservação da coleção do professor. Atualmente, acervos de outros autores e pesquisadores também fazem parte da coleção da biblioteca, como: Gilmar de Carvalho, Raymundo Asfora, Severino Bezerra de Carvalho e Manoel Monteiro.

O acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida conta com 18.271 cordéis, incluindo títulos raros datados a partir de 1907. A coleção é composta por folhetos produzidos por cordelistas de gerações mais recentes e por autores mais antigos, como Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Resende, Firmino Teixeira do Amaral, João Mechíades Ferreira da Silva, Silvino Piraruá de Lima e Francisco das Chagas Batista.

As temáticas dos cordéis disponíveis na biblioteca são variadas, tais como: Religião, Aventura, Peleja, Animais, Romances Históricos, Idade Média, Namoro, Reino, Conto, Brasil Colonial, Sátira, Sertão, Casamento, Abandono Político, entre outros.

Análise da problemática

Para estudo, separamos alguns folhetos que envolvem a temática do artigo: Agreste, Sertão e Campina Grande. Optou-se por manter a lin-

guagem original dos folhetos que, em sua maioria, trata-se da língua portuguesa arcaica, não seguindo o padrão do acordo ortográfico atual.

Suspiros de um Sertanejo (2008) – Leandro Gomes de Barros Classificação: Sertão



Figura 1: Reprodução/Acervo Virtual Biblioteca Átila Almeida

O folheto baseia-se na vida do autor, quando se lembra dos momentos da infância e juventude em que viveu no campo. Destaca-se as seguintes estrofes como objeto de análise:

*Chove, por exemplo, hoje
Eis o festim no Agreste
Canta o sapo na lagoa
O canário no cipreste
Cupim cria asa e voa
Com pouco o mato se veste. (...)
Depois que chove dez dias
Ali todo mato flora toda abelha que existe
Vai e vem toda hora
Pousa na flor, tira o pólen
Depois voa e vai embora.
(BARROS, 2008, p. 9,12)*

Percebe-se nos versos a comemoração pelo bom inverno e a renovação da fauna e da flora característica da região, com a chegada da chuva que muda todo o cenário de seca que trazida pelo outono no fim do ano anterior e o verão no início do ano novo. Dá-se então o início da cultura que perpassa entre as gerações:

*O agricultor
Diz com grande espanto
Amanhã eu planto
Seja como for!
Com trabalhador
Faço a plantação
Está molhando o chão
Vou lá com meu filho
Ele planta o milho
Eu planto o feijão (...)*

*Plantado em Janeiro
Se a chuva não falta
Não tendo lagarta
Até fevereiro*

*O jerimunzeiro
Vai logo estendendo,
O milho crescendo
Já no fim de Março
Não tendo embaraço
Alguns vão comendo
(BARROS, 2008, p. 14, 15)*

Outro ponto de destaque é a relação de pais e filhos que trabalham na agricultura. São conhecimentos baseados no senso comum, que se perpetuam entre as gerações e que garantem o sustento de muitas pessoas que ainda dependem da lavoura para se alimentar em determinadas épocas do ano. Além disso, ficam a depender da quantidade de chuva e do tempo em que esta cai: se for pouca água, pouco é o rendimento da plantação; se a chuva atrasa, a colheita também atrasa.

O contexto cultural das comidas de milho que acompanham os festejos juninos, também é um aspecto histórico a ser levado em consideração:

*São João animado
A terra está rica
É tanta canjica
Tanto milho assado!
O samba trincado
Em toda casinha*

*Da sala a cozinha
O povo a cantar,
Viola a tocar
Dança Mulatinha.
(BARROS, 2008, p. 14, 15)*

Ano após ano. Junho após Junho. Todo nordestino que se preze espera por esta época, pois faz parte da cultura de um povo. Faz parte da cultura de Campina e de toda a Paraíba.

O Boi Misterioso – Leandro Gomes de Barros

Gênero: Lenda/Sobrenatural



Figura 2: Reprodução/Acervo Virtual Biblioteca Átila Almeida

A história do folheto é inspirada em lendas nordestinas relacionadas a vaqueiros do sertão. Neste caso, trata-se de um boi místico, indomável que nenhuma cerca, cavalo, morro ou rio era capaz de pará-lo.

*Durou vinte e quatro annos
Nunca ninguém o pegou,
Vaqueiro que tinha fama
Foi atraz d'elle e chocou,
Cavallo bom e bonito
Foi lá porém estacou.*

*Diz a história: elle indo
Em desmedida carreira,
Caso engalhasse um chifre
N'um galho de catingueira,
Conforme fosse a vergoneta
Arrancava-se a touceira.
(BARROS, s/n, p. 1)*

Segundo o conto, o animal nasceu em 1825, na fazenda do coronel Sezinando, um fazendeiro e senhor de engenho do sertão. Reza a lenda que o boi nasceu maior do que o normal e, por isso, chamava atenção de todos. Até que depois de seis anos na fazenda, o animal desapareceu. Vez enquanto ele surgia nas redondezas, mas logo desaparecia e, por mais que tentassem, ninguém conseguia pegá-lo, pois ele sumia tal como fumaça.

*Com menos de meia légua
Estava o vaqueiro perdido
Não sei em quantos instantes
O tal boi tinha se ido,
Estava o cavallo suado
E já muito esbaforido (...)
Contou aos outros vaqueiros
O que tinha-se passado
Dizendo que aquelle boi
Só sendo um bicho encantado
Se havia mandinga em boi
Aquelle era baptisado.
(BARROS, s/n, p. 7-8)*

Destaca-se neste folheto como objeto da pesquisa, o seguinte trecho:

*O coronel Senzinando
Tinha como devoção
Festejar todos os annos
A imagem de São João,
Todo ano era uma festa
Não havia excepção. (...)
O leitor deve saber
Do estyllo do sertão,
O que não fizer fogueira
Nas noites de São João
Fica odiado o povo
Tem fama de mal Christão.
(BARROS, s/n, p. 35)*

Entende-se que a festa de São João é um patrimônio sagrado do Nordeste, em especial de Campina Grande, que se intitula como a cidade do Maior São João do Mundo. Pode-se destacar, portanto, o aspecto histórico de repetir a mesma festa todos os anos, sem exceção, mantendo a simbologia original, como as danças, a fogueira e o aparato religioso que a acompanha. Percebe-se que, do sertão ao agreste, a cultura se mantém, mesmo que ao longo do tempo, passe por adaptações à medida em que novas gerações surgem.

O misticismo que acompanha a lenda do Boi Misterioso se encaixa nos festejos juninos porque, após 16 anos desaparecido, o animal ressurge na fazenda justamente na noite de São João. No dia seguinte, todos saem à caçada do animal, que foge até passar por uma cruz que ficava na beira da estrada. Da cruz sai um feixe de luminoso, uma águia e dois urubus; o chão se abre, o boi cai na cratera e desaparece de uma vez.

O fato é que há um respeito e uma celebração em torno das lendas, permitindo características únicas na cultura que se construiu no Nordeste.

Considerações

Percebe-se que a Literatura de Cordel preserva memórias e saberes que não podem se perder ao longo dos anos. Manter a tradição é importante; adaptá-la a novos contextos é primordial para não seja esquecida.

Este conhecimento popular não precisa se limitar apenas a um barbante, mas pode ser declamado, transcrito e resguardado nas linhas invisíveis das novas comunicações. Em meio a enxurradas de

conteúdo que surgem com a evolução da tecnologia da informação, torna-se necessário achar espaço, nesse meio, para encaixar a cultura e a história de Campina Grande, do Agreste, do Sertão e do Nordeste como um todo, a fim de manter acesa a memória tal qual as fogueiras de São João. Cada verso no folheto é uma fagulha da memória daquelas que retrataram o Nordeste sob o holofote das páginas do cordel.

Referências

BARROS, L.G. O Boi Misterioso. Acervo Virtual – Biblioteca Átila Almeida. 48 p. Campina Grande, s/n. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/27188>. Acesso em 07/07/2023.

BARROS, L.G. Suspiros de um sertanejo. Acervo Virtual – Biblioteca Átila Almeida. 21 p. Campina Grande, 2008 Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/27118>. Acesso em 07/07/2023.

CADÓ, E. J. A Literatura de Cordel No Ensino de História Local: memórias do cangaço no rio grande do norte. 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós- Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

DIEGUES JÚNIOR, M. Ciclos temáticos na literatura de cordel: literatura popular em verso estudos. V. 1. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

DOURADO, Gustavo. Cordel: do sertão nordestino à contemporaneidade da Internet. 2008. Disponível em:

<http://www.gustavodourado.com.br/Cordel%20do%20sertao%20nordestino%20a%20contemporaneidade%20da%20Internet.htm>. Acesso em: 10/07/2023.

OLIVEIRA, Ionara Raissa Ferreira de. O Cordel no Ensino de História: Abordagem Sobre o Museu de Arte Popular como Patrimônio Cultural de Campina Grande - PB. 2020. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de História (Licenciatura), Departamento de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/23361/1/organized%20%287%29.pdf>. Acesso em: 10/07/2023.

SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. 2. ed. São Paulo: Editora Brasileira, 2003. 86 p. 103 v.